

HEGEMONIA AMERICANA: DECLÍNIO À VISTA?

Leonardo Battistella

Engenheiro

Especialista em Marketing

Cursa Especialização em Relações Internacionais

Professor da Famec

lbattistella76@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Partindo de rápida retrospectiva dos fatores que culminaram no estabelecimento da hegemonia experimentada pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, a proposta deste texto é comparar as idéias expostas em obras de Immanuel Wallerstein (**O fim do mundo como o concebemos**) e Joseph Nye (**O paradoxo do poder americano**) tangentes à realidade do poder norte-americano no contexto global, e propor o entendimento de seu possível futuro por meio da interpretação das opiniões dos citados especialistas e da adição de informações posteriores aos seus escritos.

Nye e Wallerstein. Este, sociólogo e pesquisador na Universidade de Yale, engajado em causas anti-globalização; aquele, Reitor da Escola Kennedy de Governo em Harvard e Ex-presidente do Conselho Nacional de Inteligência Americano, fornecem pontos de vista diferentes, embora nem sempre conflitantes, para o futuro do poder norte-americano. Primeiramente serão expostas algumas de suas principais idéias a respeito da realidade americana, passando pela questão da China – considerada principal ameaça potencial. E no momento final do presente artigo os pontos de vista do autor são expostos em termos dos quatro grandes pilares do poder estatal: militar, econômico, político e cultural.

O ESTABELECIMENTO DA HEGEMONIA AMERICANA

As hegemonias no sistema de Estados moderno surgiram, em parte, da reação às tentativas de alguns Estados em transformar o sistema vigente em impérios-mundo. A empreitada napoleônica que culminou no predomínio britânico serve de exemplo. Desde antes da primeira guerra mundial os Estados Unidos da América configuravam uma potência econômica de grandes proporções, seu gigantismo começou a formar bases com o enfraquecimento econômico britânico na crise de 1873, e ganhou impulso decisivo com a

reação norte-americana à pretensão imperialista germânica configurada no período belicoso entre 1914 e 1945.

Refreado o ímpeto nazista, os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a única grande potência fortalecida em todos os aspectos. No âmbito militar haviam avançado tecnicamente e construído aparato bélico de grandes proporções - a bomba nuclear inaugurada contra o Japão provava a superioridade americana. Na esfera econômica os EUA eram credores de praticamente toda a Eurásia – sofredora de baixas materiais e humanas inéditas. E o exercício político norte-americano, por sua vez, ganhou legitimidade sacrificando seus soldados em nome do esfacelamento do pretensu jugo imperial nazista, facilitando também a propagação e a absorção de seus valores e estilo de vida pelo globo. Ademais, nos últimos anos do século XX a preponderância americana foi ratificada: o dólar tornou-se referência monetária internacional, o inglês passou a ser o jargão do mercado, e o capitalismo reduziu o comunismo. Assim se desenhava a plenitude do maior poder hegemônico jamais visto no sistema de Estados moderno.

Do outro lado, concomitantemente, se reerguia a União Soviética stalinista, tornando o mundo bipolar. Saída da conferência de Ialta com o controle de praticamente um terço do planeta, erigindo a bandeira do antiimperialismo e dominando já em 1949 a tecnologia nuclear, o país estabelecia o equilíbrio de forças vigente até 1991: a Guerra Fria. Tal balanço de forças foi especialmente testado em ocasiões notáveis como a Guerra da Coreia entre 1951 e 1953, e a crise cubana de 1962. A paz foi mantida: o preço a pagar em confrontação nuclear poderia ter sido alto demais.

Esse estado de coisas resumido e factual descreve parte do cenário pré Guerra do Vietnã que, segundo leitura de Wallerstein, encabeça a lista de intervenções militares norte-americanas que estabeleceram a métrica condutora dos EUA ao atual “beco sem saída”, ao status de “única superpotência de fato, mas sem poder real [...] à deriva em meio a um caos global que ninguém, em parte alguma, está realmente em posição de controlar”.

Além de afetar a auto-estima americana, o insucesso no Vietnã lesou profundamente a economia do país. O logro vietnamita no esforço de por fim ao domínio colonial e estabelecer estado próprio representa para os Estados Unidos uma derrota da qual sua auto-estima nunca se recompôs. Afinal, o emprego total do gigante aparato bélico estadunidense havia sido ineficaz. Entretanto, além dos problemas de estima causados pelo desfecho, os custos da operação no Vietnã combaliram as reservas financeiras americanas, justo ao ressurgir das

¹²⁴ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 3, n. 1, p. 123-128, jan./jun. 2007

economias do Japão e da Europa Ocidental, acabando com a larga vantagem dos EUA na economia mundial, reequilibrando a balança econômica internacional.

No último decênio do século XX a União Soviética se desmancha. Wallerstein sustenta que o colapso do comunismo corresponde, na verdade, ao colapso do liberalismo. A ruína do sistema soviético, o enfraquecimento do sonho que refletiu em todo o globo, reduz a importância do discurso liberalista por retirar da cena internacional a importante justificativa ideológica que os Estados Unidos tinham para legitimar sua hegemonia: fazer frente ao monstro comunista. Mote que, aliás, rendeu sujeito para os conhecidos golpes militares na América Latina.

Também segundo esse autor, os “falcões” norte-americanos tiveram no 11 de setembro motivação para influenciar o próprio Estado ao exercício do poder militar a despeito dos tratados internacionais. Eles teriam argumentado de dois modos: o poder bruto deve ser empregado, pois seu exercício passaria impune; e se não fosse empregado os EUA continuariam passando a imagem de “tigre de papel”, valendo-se da retrospectiva dos resultados do Vietnã e do “empate” na primeira guerra do golfo para prover peso à sua argumentação.

Nessa ótica, a cruzada internacional contra o terrorismo nos moldes propostos por George W. Bush teria contribuído para a aceleração do processo de declínio da preponderância norte-americana. O endividamento econômico crescente pela manutenção do braço bélico, a perda de legitimidade do exercício político ao contrariar resoluções internacionais - como o conselho de segurança da ONU -, e o desgaste do “poder brando” estão na base da argumentação Wallersteiniana para sustentar a idéia de que os Estados Unidos perdem força em todas as frentes e declinam fatalmente.

Joseph Nye oferece uma leitura diferente da situação norte-americana. Ele afirma que, excetuando o caso do exercício indiscriminado e arrogante de poder bruto, é improvável alianças internacionais contestarem o poder americano, podendo ele ser mantido dando tratamento certo às questões do poder brando.

Acredita-se que no curto prazo a China pretenda substituir a preponderância americana no Extremo Oriente, e que em médio prazo postule à posição de potência dominante mundial. Segundo Nye, a despeito de seu crescimento econômico e do investimento em poder brando, é duvidoso que a nação asiática possa ter tal capacidade, especialmente devido a problemas de ordem interna. A possibilidade de guerra entre China e Estados Unidos é levada em conta,

especialmente concernente à questão da independência de Taiwan. Contudo, na visão do citado autor ela dificilmente seria vencida pelos chineses.

Num exercício lúdico, Joseph Nye propõe uma nova visão das relações internacionais, como em um tabuleiro de xadrez com três camadas: a da economia, a militar e a das relações transnacionais, que fogem ao controle dos Estados. Nye explica o paradoxo do poder americano: ser grande demais para ser desafiado por qualquer outro estado, mas não grande o bastante para resolver problemas como o terrorismo internacional ou a proliferação de armas nucleares.

Em síntese, Wallerstein sustenta a posição do declínio fatal da preponderância norte-americana, argumenta que a frente bélica é a única em que o país permanece hegemônico, mas sua manutenção custará caro demais, argumenta que o declínio teria iniciado no Vietnã e acelerado pela reação ao 11 de setembro. Joseph Nye insiste na permanência dos Estados Unidos como poderosos em todas as frentes, reforçando a importância do poder brando, mas chamando atenção para o uso “não arrogante” do “poder bruto” como fundamental na manutenção da legitimidade política e da simpatia internacional, ressaltando a importância dos Estados aprenderem a lidar com a consequência dos novos paradigmas de intercâmbios e exercício de organizações, não necessariamente controláveis pelo aparato estatal, como grupos terroristas organizados e ONG's. Referente ao futuro do poder americano, Joseph Nye é claramente mais otimista do que o outro, desde que seu exercício tenha o cuidado de não degradar a imagem americana e a base de sustentação do poder brando.

CONCLUSÕES

É passada a época da hegemonia econômica dos Estados Unidos. Atualmente a União Européia e o crescimento asiático oferecem substanciais obstáculos para o exercício econômico americano. A dimensão econômica da intervenção no Iraque tem, ao menos no curto prazo, impacto fortemente negativo nos cofres americanos. O documentário *Sorrows of Empire*, de 2003, apresenta números relativos aos custos da operação bélica americana: despesas militares de 400 bilhões de dólares anuais, ao passo que as da China e Rússia giram em torno dos 50 bilhões, e os países do chamado “Eixo do Mal” despenderiam menos de um bilhão. Também segundo esse documentário, os Estados Unidos acumulariam uma dívida nacional de sete trilhões de dólares, equivalente a cerca de seis vezes o endividamento do

¹²⁶ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 3, n. 1, p. 123-128, jan./jun. 2007

terceiro mundo, grande parte paga a interesses externos. Deveras, o alto custo para manter a preponderância militar pode vir a torná-la proibitiva.

No caso da invasão do Iraque as perdas poderiam ser compensadas se os Estados Unidos tirarem grande proveito econômico com a instalação de um governo amigável – ainda que artificialmente – no país do Oriente Médio, mas isso não é garantido. O crescimento chinês, por sua vez, demandará uma presença militar norte-americana mais intensa na região, o que implicará fatalmente em despesas de grande monta a financiar. Do mesmo modo o possível, embora improvável, desmanche da OTAN por iniciativa européia na construção de sua própria *armée*, dificultaria a situação militar americana. Sinteticamente pode-se dizer que o tamanho da economia americana, por si só, perde importância na barganha internacional à medida que se formam blocos de negociação e que a manutenção do único eixo onde os norte-americanos são hegemônicos, o militar, pode ter impacto fatalmente danoso em sua economia.

O desprezo americano à resolução do Conselho de Segurança da ONU quando da consulta feita buscando legitimação na invasão do Iraque em 2003, com a justificativa de presumida existência de armas químicas e de destruição em massa no país desgastou sobremaneira a imagem internacional do país, que se deteriora há tempos devido às inúmeras intervenções não necessariamente simpáticas à opinião pública - como visto em Granada ou no Panamá. O exercício político internacional norte-americano já não é observado sem desconfiança pelos demais países.

Restaria o poder da cultura e da influência, não há dúvida quanto à abrangência do *american way* e existência de um enorme mercado potencial de pessoas que sonham em ser como e ter tal qual propagado por Hollywood. Nye sustenta que o poder brando é a chave para a penetração da hegemonia americana no século XXI. Entretanto o *american way* também tem sofrido seus revezes e questionamentos, basta observar que o consumo - mote central - já não é visto com a mesma simpatia da época em que, por exemplo, seus impactos ambientais e mesmo sociais ainda eram duvidosos; o *fastfood* junto às pressões por resultados de desempenho profissional e financeiro trazem como consequência um sem número de obesidades mórbidas e doentes cardíacos prematuros.

"Se você dá um martelo a uma criança, ela enxerga qualquer coisa como prego", disse Joseph Nye em entrevista à revista brasileira Época, aludindo à percepção de que é assim que a população americana está vendo o mundo: de martelo na mão. Aparentemente o "jeito americano", importante pilar do poder brando norte-americano, necessita ser revisto para

continuar a ser aceito. Caso contrário pode-se crer que o “beco sem saída” proposto à hegemonia americana por Wallerstein se configure de fato, afinal no aspecto econômico o mundo já é fortemente multipolar; a manutenção do aparato bélico americano pode tornar-se onerosa demais, com notáveis prejuízos para as metas econômicas; o importante desgaste da legitimidade política e o questionamento dos valores americanos, juntos e em prazo adequado, influenciarão decisivamente o curso da história.

REFERÊNCIAS

NYE, J. **O Paradoxo do poder americano**. São Paulo: UNESP 2002.

WALLERSTEIN, I. **O Fim do mundo como o concebemos**: ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro: Revan, 2002.